



OS IMPACTOS DA COVID-19 E DE SEUS DESDOBRAMENTOS NO MERCADO BRASILEIRO DE PESCADO

IMPACTS OF COVID-19 AND ITS EFFECTS IN THE BRAZILIAN FISH MARKET

Marcos Ferreira Brabo^{1*} & José Milton Barbosa²

¹Instituto de Estudos Costeiros, Universidade Federal do Pará - UFPA

²Departamento de Engenharia de Pesca e Aquicultura, Universidade Federal de Sergipe - UFS

*E-mail: marcos.brabo@hotmail.com

Recebido: 13/07/2020 - Publicado 18/07/2020

RESUMO O objetivo deste artigo foi opinar acerca dos impactos da Covid-19 e de seus desdobramentos no mercado brasileiro de pescado. A coincidência do início da adoção das medidas de isolamento da população para evitar a rápida propagação do vírus com a proximidade do período da Semana Santa, época do ano com maior consumo de pescado, pode ter retardado ou mesmo mascarado parcialmente os efeitos negativos da doença. É provável que a cadeia produtiva da pesca seja mais impactada do que a da aquicultura, mas ambas passarão por momentos difíceis com a significativa diminuição da atividade econômica no país. A pesca artesanal tende a ser a mais afetada pela pandemia, enquanto a tilapicultura é quem sofrerá menos impacto.

Palavras-chave: pesca, aquicultura, economia, coronavírus, pandemia.

ABSTRACT The objective of this article was to give an opinion on the impacts of Covid-19 and its effects on the Brazilian fish market. The coincidence of the beginning of the adoption of population isolation measures to prevent the rapid spread of the virus with the proximity of the Holy Week, period of the year with the highest consumption of fish, may have delayed or even partially masked the negative effects of the disease. It is likely that the fishery production chain will be more impacted than that of aquaculture, but both will go through difficult times with the significant decrease in economic activity in the country. Artisanal fishing tends to be the most affected by the pandemic, while tilapia culture is the least affected.

Key words: fishery, aquaculture, economy, coronavirus, pandemic.

Efeito do Covid-19 e de Seus Desdobramentos

A *coronavirus disease* (COVID-19) ou simplesmente doença do coronavírus é causada pelo vírus SARS-CoV-2 e foi identificada na China em 31 de dezembro de 2019, o que motiva o uso do número 19 após a abreviação. No dia 11 de março de 2020, esta enfermidade foi declarada como pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS), ou seja, se alastrou por várias partes do mundo de maneira simultânea e teve sua difusão sustentada pela população local (OMS, 2020).

Sua velocidade de transmissão, a necessidade de atendimento hospitalar para pacientes em estado grave e a possibilidade de demanda superior à oferta de leitos em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) e de ventiladores pulmonares, também conhecidos como respiradores, representam uma cadeia de preocupações para os gestores públicos de diferentes países. Neste contexto, a OMS recomendou que medidas de isolamento social representem a alternativa mais viável para evitar a incapacidade dos sistemas de saúde de atender aos cidadãos infectados (OMS, 2020).

No Brasil, as medidas para evitar aglomerações que possam potencializar a transmissão do vírus contemplam desde suspensão das aulas em todos os níveis educacionais, passando pela paralisação parcial do transporte público, até o impedimento do funcionamento de estabelecimentos comerciais tidos como não essenciais. A mensagem “Fique em casa” representa a orientação mais comum aos cidadãos em todos os

Estados e municípios, sendo propagada massivamente pelos principais veículos de comunicação e em redes sociais.

Desta forma, assim como ocorrerá em escala planetária, é inevitável que a economia nacional sofra severos abalos, como: aumento da dívida pública, pela necessidade de investimentos não programados na área da saúde e pagamento de auxílio financeiro governamental para viabilizar o isolamento social de trabalhadores informais, autônomos e desempregados; fechamento de empresas, em especial de micro e pequenas, pela impossibilidade de arcar com os custos fixos frente à ausência ou redução de receita neste período; e o conseqüente incremento da taxa de desemprego, fruto da expressiva queda na atividade econômica. Raros serão os setores pouco afetados, praticamente apenas aqueles tidos como serviços essenciais, que atendem a necessidades básicas.

E o pescado? O setor sofrerá abalo? Quais serão os impactos da Covid-19 e de seus desdobramentos nas cadeias produtivas da pesca e da aquicultura no Brasil? As respostas exigem uma breve contextualização acerca do cenário atual da produção, do consumo e do comércio internacional de seus produtos.

O Brasil não é um grande produtor de pescado, tendo alcançado 1,2 milhão de toneladas no ano de 2017, 0,6% da oferta do planeta. O consumo no país é inferior à média mundial e somente o quarto entre as proteínas de origem animal, atrás das carnes de aves, bovina e suína. Ainda assim, somos incapazes de atendê-lo atualmente, o que culmina em um significativo volume de importações e em uma balança comercial deficitária (FAO, 2019; Brasil, 2020a; Brasil, 2020b).

Você já parou para pensar no que sustenta essas atividades? A pesca e a aquicultura são responsáveis principalmente por produção de alimento, necessidade básica da população, mas dependem de insumos, processamento, distribuição e comercialização para que seus produtos cheguem ao consumidor final. Logo, postos de combustível, fábricas de gelo, produtores de alevinos e fábricas de ração são cruciais para operação das unidades de produção, quer sejam elas, embarcações pesqueiras ou empreendimentos aquícolas. Isso praticamente não parou, assim como estabelecimentos processadores e distribuidores, ou seja, a engrenagem se manteve funcionando, dentro das limitações impostas pela doença.

O maior problema causado pelo isolamento social nas cadeias produtivas da pesca e da aquicultura reside no elo da comercialização, o que promove um efeito cascata e afeta a todos os demais segmentos. Primeiramente, vale lembrar que, no geral, o elevado preço em relação às demais proteínas de origem animal é o principal fator que contribui para o baixo consumo de pescado do país, que o reduzido poder aquisitivo da maioria da população limita uma mudança rápida neste quadro e que, neste momento de incerteza econômica, o consumidor tende a optar, ainda mais, por produtos com um preço mais acessível. As conservas, como os enlatados, serão os menos afetados! Isso nos faz pensar que produtos pesqueiros e aquícolas com preços mais populares sofrerão menos! Será?

No caso do pescado fresco ofertado principalmente em espaços públicos, como feiras e mercados, o impacto será maior. Os consumidores com melhores condições financeiras irão estocar alimento de fácil preparo e com maior vida de prateleira, ou seja, em se tratando de peixes, priorizarão filés congelados em detrimento de exemplares inteiros frescos. Porém, produtos congelados disponibilizados em supermercados e peixarias inevitavelmente também sofrerão com decréscimo na procura, a exemplo de filés de peixes e camarões, visto que abastecem bares e restaurantes, estabelecimentos que se encontram fechados ou funcionando exclusivamente por *delivery*, em escala reduzida. O atum, que atende principalmente a iniciativas especializadas em culinária japonesa, sentirão significativamente a baixa atividade econômica na cadeia de alimentação fora do lar.

Mas a taxa de câmbio está favorável para a exportação? Isso é uma alternativa? Os principais importadores de pescado também tiveram suas economias fortemente afetadas e terão que se recuperar financeiramente para retomar a normalidade dessas relações comerciais! O momento também não favorece o comércio de iguarias, como bexigas natatórias ou lagostas. O quadro é preocupante também para os exportadores! Lembre-se que se trata de uma pandemia!

A Semana Santa, que em 2020 foi de 5 a 12 de abril, pode ter retardado ou mesmo mascarado parcialmente os efeitos negativos da Covid-19 sobre o mercado de pescado, até porque a busca por estocagem de alimento antes deste período para o isolamento social aqueceu o comércio do gênero. Na pesca, a tendência é de diminuição do volume desembarcado, estocagem de produtos tipo exportação nas indústrias, redução do preço de primeira comercialização de espécies comercializadas na forma fresca e incremento das vendas a prazo, resultado da descapitalização. Na aquicultura, há possibilidade de mudança nas estratégias de produção e/ou o armazenamento dos produtos, as vendas diretas ao consumidor são mais viáveis e novos povoamentos representam uma incógnita, principalmente para a carcinicultura.

O cenário é preocupante e exige inovação no processo produtivo e/ou nos canais de comercialização, o que considerando características da atividade, produtos e mercado, deixa a piscicultura mais otimista do que os demais setores em meio ao caos, em especial a tilapicultura, os redondos terão vida difícil. Fica a dúvida: dá para aguentar até quando?

Comentários Conclusivos

Hoje, 18 de junho de 2020, com feiras livres, mercados públicos, bares e restaurantes reabertos em todo o Brasil, espera-se que a normalidade nos segmentos da pesca e da aquicultura possa ser retomada, que os inevitáveis prejuízos possam ser recuperados e que as vendas a prazo sejam quitadas o mais breve possível. Porém, algumas experiências positivas foram deixadas por essa situação inusitada, como: a importância do comércio eletrônico ou E-commerce e o rigor na gestão econômica dos empreendimentos. Por fim, uma oportunidade para pescadores e aquicultores é a redução da taxa de juros nas operações de crédito rural previstas no Plano Safra 2020-2021 e a dispensa de apresentação do RGP para as categorias pescador profissional artesanal e aquicultor.

Referências

- Brasil - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020a). Sistema IBGE de Recuperação Automática. Disponível em: <<https://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 18 abr. 2020.
- Brasil - Ministério da Economia (2020b). Estatísticas de Comércio Exterior. Disponível em: <<https://www.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 18 de abr. 2020.
- FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. Fishery and aquaculture statistics (2017). Roma: FAO yearbook. 2019.
- OMS. Organização Mundial de Saúde (2020). Folha informativa - Covid-19. Disponível em: <<http://www.paho.org/bra/>>. Acesso em: 18 abr. 2020.